

REPATRIAÇÃO DIGITAL: O CASO DO ACERVO DA MISSÃO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS SOBRE OS PANKARARU

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2024.215012


CYRIL MENTA

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05580-000 –
ppgas@usp.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-6874-0334>

A MISSÃO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS ENTRE OS PANKARARU

Em 1938, Mário de Andrade criou no Departamento de Cultura da cidade de São Paulo a Missão de Pesquisas Folclóricas. Seu objetivo era viajar pelas regiões norte e nordeste do Brasil, durante seis meses, para coletar material etnográfico e museográfico de culturas populares que muitos observadores e intelectuais acreditavam estar desaparecendo. No início de março de 1938, a Missão foi, quase por acaso, na aldeia Pankararu de Brejo dos Padres, em Pernambuco. A equipe não sabia o que esperar: apenas um brevíssimo artigo tinha sido publicado sobre esse grupo pelo jornalista Hildebrando de Menezes (1935), que visitou os Pankararu alguns anos antes. No entanto, a esperança de encontrar uma cultura indígena original foi rapidamente frustrada, como atesta o diário de Martin Braunwieser, etnomusicólogo da expedição, que registrou ao voltar da aldeia sua decepção diante destes “caboclinhos” desprovidos de características raciais, linguísticas ou culturais, e que foram “todos absorvidos pela população local” (apud Carlini 2000, 270).



Uma dança, no entanto, prenderá a atenção dos membros da Missão. É dançada, descreve Martin Braunwieser, com “velhas roupas indígenas” e acompanhado por um único cantor. É a única dança, escreveu ele em carta à esposa, que “ainda tem alguma autenticidade [...] Isto foi o mais bonito, o mais interessante, que encontrei entre os caboclinhos” (ib, 277-78) (foto 1, 2, 3 e 4). Os integrantes da missão, movidos pela preocupação de salvar os elementos autênticos e originais da cultura indígena, concentraram seus esforços no registro desta “dança dos praiás”; dedicaram-lhe um documentário com o mesmo nome, no qual são reunidas sequências de áudio de gravações de canções e algumas fotografias. O *praiá*, enquanto máscara ritual, destina-se, para os membros da Missão, a tornar-se um “objeto-fetichê” paradigmático da cultura nacional (Albuquerque 2014).


Os integrantes da missão colheram diversos artefatos, entre eles uma máscara *praiá* completa, cachimbos e vários instrumentos musicais (rabo de tatu, búzios e maracás). Martin Braunweiser também produziu, além de gravar canções, partituras.

REPATRIAÇÃO DIGITAL

Os arquivos coletados pela Missão de Pesquisas Folclóricas são conservados pela Discoteca Oneyda Alvarenga, do Centro Cultural São Paulo (CCSP). Fiz uma primeira visita lá em janeiro de 2020, trabalhando então na circulação do *búzio*, aerofone pankararu recolhido e fotografado pelos integrantes da Missão (foto 5). Em 2022, durante o meu pós-doutorado na Universidade de São Paulo e enquanto realizava pesquisa com os Pankararu residentes na megalópole, voltei a contatar o CCSP para saber da possibilidade de uma repatriação digital desses arquivos, ou seja, passar os direitos das imagens registradas pela missão folclórica às lideranças indígenas, a começar pela Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu do bairro do Real Parque, em São Paulo. Os Pankararu não estão interessados em repatriar artefatos: a repatriação de todo o conteúdo digitalizado parece ser uma solução adequada.

Essa ideia foi muito bem recebida pelos membros da discoteca e rapidamente iniciamos os procedimentos administrativos. Várias reuniões aconteceram entre lideranças da Associação, membros do CCSP e eu. Parece-me necessário hoje que haja uma interlocução entre pesquisadores, colecionadores, museólogos e ameríndios, que devem ter conhecimento de tudo o que foi produzido sobre seus povos e coletado em suas aldeias. No Brasil, diversos museus buscam apresentar respostas às relações que os povos indígenas podem e devem estabelecer com seu passado.

No dia 19 de abril de 2023, o CCSP inaugurou a exposição “Destaque do acervo, o *praiá* pankararu”, contendo as fotografias da Missão e a máscara



praiá. No dia 23 do mesmo mês, o CCSP entregou oficialmente à Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu, na pessoa de sua Presidente, uma caixa contendo as fotografias impressas bem como os arquivos digitais (fotografias, registros visuais e sonoros) (foto 6, 7, 8, 9 e 10).


REESCREVENDO A HISTÓRIA

Uma primeira dimensão central deste processo de repatriação digital é a sua capacidade para uma recuperação de uma parte da história local, mas também de a reescrever. A coleção do CCSP – e talvez isso seja válido para todo acervo museal indígena – representa uma expressão material específica, passível de ser recriada através da rememoração e do discurso e passível também de transformar essas memórias. Dois exemplos me parecem bastante paradigmáticos.

Desde o início da década de 1940, muitos Pankararu deixaram o Nordeste rumo a São Paulo. A seca, os conflitos incessantes com latifundiários e camponeses não ameríndios ou a falta de terra levaram muitos indivíduos ao exílio. As grandes obras de infraestrutura para a expansão da cidade estavam começando, e incentivando a migração nordestina de trabalhadores para a cidade. Eles não viajavam como grupos familiares, mas como indivíduos (Albuquerque 2009, Arruti 2019).

A partir da década de 1950, muitos Pankararu participaram da construção do estádio de futebol do Morumbi, que durou entre 1952 e 1964. Os limites da cidade evoluíram e o bairro do Morumbi rapidamente se tornou uma área de luxuosas residências e importante centro financeiro. Os trabalhadores passaram a ocupar um setor próximo ao local de exercício de sua profissão e os Pankararu se instalaram com outros trabalhadores no que era então conhecido como Favela da Mandioca (hoje comunidade ou bairro do Real Parque). Essa concentração de Pankararu em um bairro da megalópole promoveu a ativação de redes familiares e a transformação da favela em ponto de referência para os recém-chegados (Arruti 2019). Além desse local os Pankararu estão instalados em diversos bairros da cidade (Lovo 2017, Matta 2005, Albuquerque 2011).

O interesse de intelectuais paulistas por sua cultura em 1938 já é um dado importante para os Pankararu residentes na megalópole (foto 11 e 12). Esta é uma prova para eles da autenticidade de sua cultura. Ao saber que haviam trazido um *praiá*, Maria Lídia, líder espiritual Pankararu, pôde reelaborar seu entendimento da história Pankararu: “Agora entendo melhor porque a gente nunca desgrudou desse lugar. Eu sempre me perguntei ‘por que viemos para cá e por que ficamos tanto assim’. Mas é porque antes da gente chegar, de carne e osso, tinha vindo nossos encantados, a través



desse *praiá*, Ele abriu o caminho”¹. A presença antiga de encantados em São Paulo é o motivo da fixação das famílias na cidade. Os *praiás* são os protetores do grupo e zelam pela saúde pessoal e coletiva, além de darem suporte diário. Os Pankararu presentes na cerimônia de repatriação ficaram muito emocionados ao ver esse *praiá* antiquíssimo. Para Clarice, Presidente da Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu, o *praiá* “é lindo, bem conservado, mas... como Ele está sozinho. Hoje, estamos felizes de poder vir para cá com seus Irmãos”² (fotos 13, 14 e 15). Poucos Pankararu tinham conhecimento desta presença no Centro Cultural, e todos ficaram muito emocionados ao encontrá-lo ali.

Alguns dias depois, e quando a notícia de um antigo *praiá* em São Paulo já havia se espalhado na aldeia, uma Pankararu me deixou um áudio via Whatsapp:

Cirilo, você tem acesso a esse documentário [da Missão]? Vejo muita distorção ao que nossos antigos falam. Dizem que a aparição de *praiás* foi depois da década de 1950”. Ela continua “Porque nessa época, era muito difícil o acesso ao Brejo. E principalmente para tirar fotografia e filmar, porque era uma coisa bem restrita. Escondida, né. Não era divulgado, nem falado. Eles não abriam pra brancos. Ai, como que teve esse relato de 38, se isso realmente existe. Abertura pra brancos estudar Pankararu foi da década de 50 pra cá. Aí a pergunta era realmente essa, se esse vídeo realmente existe e foi nesse período aí. Já que a presença do *praiá* tá datado aí... Porque tem pessoas que dizem que não era coberto tudo o *praiá*, que isso já veio de fora.


A presença da Missão em 1938, os artefatos coletados, inclusive o *praiá*, permitem uma revisitação da história local. Essa jovem, com base em alguns comentários feitos na aldeia, achava que não havia *praiá* antes da década de 1950, e que eles estavam com o rosto descoberto. As informações que ali chegaram sobre o processo de repatriação digital, bem como sobre seu conteúdo, criaram dinâmicas interessantes.

PROFECIAS FALHADAS

Nas décadas de 1920 e 30 começaram a ser postas em prática estratégias de documentação, catalogação, coleta, apropriação e preservação de patrimônios culturais que, acreditava-se estavam fadados a sumirem à

1 Conversa com Maria Lúcia em 22.04.2023.

2 Discurso de Clarice em 29.04.2023.



medida que se construía uma identidade nacional. A noção de patrimônio, elaborada por intelectuais nacionalistas foi destacada pela ameaça de perda definitiva. Os discursos sobre patrimônio pressupunham, assim, uma ideia de pureza das manifestações culturais. Arquitetos, historiadores, escritores, cientistas, embarcaram na missão de salvar a diversidade cultural brasileira. O ano de 1936 marca para muitos o início das políticas oficiais de patrimônio cultural no Brasil, com a criação de uma proposta oficial de agência federal de proteção ao patrimônio.

É com esse espírito que Mário de Andrade criou no Departamento de Cultura de São Paulo, em 1938, a Missão de Pesquisas Folclóricas. Era preciso salvar parte do patrimônio material e imaterial.

Os integrantes da equipe registraram, fotografaram, filmaram, muitas expressões da cultura popular do Nordeste do Brasil. Algumas dessas expressões efetivamente desapareceram, ou quase. É o caso do búzio pankararu, que desapareceu para ser reintroduzido no início dos anos 2000 (Menta, no prelo); ou o samba de côco dos Pankararu, que está em pleno processo de retomada. O *praiá*, porém, teve o rumo contrário. Não só ganhou força localmente, como também se espalhou entre muitos grupos ameríndios do Nordeste do Brasil e é praticado atualmente também em São Paulo.

O *praiá* desempenhou um papel importante na formalização da identidade indígena dos Pankararu na década de 1940. Na década de 1950, caboclos do Brejo do Burgo, na Bahia, aproximaram-se dos Pankararu. Um deles estava em conflito aberto com um não-indígena pela demarcação de uma roça. Chegando ao Brejo do Burgo a notícia de que grupos contavam com a “proteção oficial” do Serviço de Proteção ao Índio, ele parte em viagem ao Brejo dos Padres e pede ajuda ao Chefe do Posto Indígena, funcionário do SPI. Estando a aldeia fora da jurisdição do SPI, o funcionário não pode intervir, mas aconselha-o a contatar um especialista ritual, João Tomás. Este foi até a aldeia Pankararé e ali organizou um *toré* com o objetivo de “levantar a aldeia” (Arruti 1996). Mais tarde, vários especialistas rituais Pankararu se estabeleceram definitivamente com os Pankararé: João Chulê, Luis Preto e Irineu. Estes ensinaram a tecer *praiás*, atribuir-lhes uma identidade, relacionar-se com entidades, cantar e dançar (Menta 2017). A estratégia Pankararu para ajudar politicamente os grupos parentes é permitir a circulação de seus rituais. Assim, os Kambiawá, Kapinawá, Katokinn, Karuazu, Kalankó, Jiripankó, Pankararé, todos têm o *praiá* como emblema tanto de sua indigeneidade e de sua filiação Pankararu. O *praiá* se espalhou, assim, na região, em um contexto político de demarcação territorial e formalização das identidades ameríndias.

Foi com a criação da Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu, em 1994, que lideranças indígenas trouxeram os primeiros *praiás* para

São Paulo. As apresentações culturais que realizam atualmente são fundamentais para a luta política, mas também para a manutenção de seus traços culturais e de seus conhecimentos. Não há dúvida de que os arquivos agora nas mãos dos Pankararu, além de fomentar outras retomadas, também terão um importante valor político frente à sociedade nacional e as diferentes esferas da administração pública.



FIGURA 1.
"Praiá", Brejo dos Padres, Tacaratu (PE), 11/03/1938, foto Luis Saia, © Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu.



FIGURA 2.
 "Praiá", Brejo dos
 Padres, Tacaratu
 (PE), 11/03/1938,
 foto Luis Saia,
 © Associação SOS
 Comunidade
 Indígena Pankararu.



FIGURA 3.
 "Praiá", Brejo dos Padres, Tacaratu (PE), 11/03/1938, foto Luis Saia, © Associação SOS Comunidade
 Indígena Pankararu.



FIGURA 4.

"Praiá", Brejo dos Padres, Tacaratu (PE), 11/03/1938, foto Luis Saia, © Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu.



FIGURA 5.

"Toré", Brejo dos Padres, Tacaratu (PE), 12/03/1938, foto Luis Saia, © Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu



FIGURA 6.
Recebendo acervo, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 7.
Praia, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 8.
Praia, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 9.
Praia, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 10.
Praia, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 11.
"Toré", Brejo dos
Padres, Tacaratu
(PE), 12/03/1938,
foto Luis Saia, ©
Associação SOS
Comunidade
Indígena Pankararu



FIGURA 12.
Toré, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 13.
Praiás reunidos, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 14.
Praiãs e lideranças Pankararu, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta



FIGURA 15.
Praiãs de 1938 e praiãs de hoje, Centro Cultural São Paulo (SP), 23/04/2023, foto Cyril Menta

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, Marcos Alexandre dos Santos. 2009. Os Pankararu e o Associativismo Indígena na Cidade de São Paulo. *Tellus*, n. 16:229-235.
- Albuquerque, Marcos Alexandre dos Santos. 2011. O Regime Imagético Pankararu (Tradução Intercultural na Cidade de São Paulo). Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Albuquerque, Marcos Alexandre dos Santos. 2014. O *Praíá* Pankararu. Objeto-fetichismo Modernista. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, 1(5).
- Arruti, José Maurício. 2019. História de Lídia: esboço étnico-biográfico de uma Pankararu, entre aldeia e metrópoli, *Confluenze*, vol. XI, n° 2:134-167.
- Carlini, Alvaro. 2000. A Viagem na Viagem. Maestro Martin Braunwieser na Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura de São Paulo: diário e correspondências à família. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lovo, Arianne Rayis. 2017. Lá, sendo o lugar deles, é também o meu lugar»: pessoa, memória e mobilidade entre os Pankararu. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Matta, Priscilla. 2005. Dois Elos da Mesma corrente - Uma etnografia da corrida do Uambu e da Penitência entre os Pankararu. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Menezes, Hildebrando. 1935. Os *Praíás* de Tacaratú. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*:45-48.
- Menta, Cyril. No prelo. «Un second souffle. La danse des búzios au prisme de sa 'réaffirmation' culturelle par les Pankararu », *Journal de la Société des Américanistes*.

RESUMO

Em 1938, Mário de Andrade criou no Departamento de Cultura da cidade de São Paulo a Missão de Pesquisas Folclóricas, cujo objetivo era percorrer as regiões norte e nordeste do Brasil para coletar material etnográfico e museográfico de culturas populares. No início de março de 1938, a Missão foi para a aldeia Pankararu de Brejo dos Padres, no estado de Pernambuco, aonde coletou artefatos e registrou manifestações culturais. Esses arquivos estão hoje na Discoteca Oneyda Alvarenga, do Centro Cultural São Paulo, e foram recentemente repatriados digitalmente para os Pankararu que vivem em São Paulo. Este ensaio fotográfico faz uma retrospectiva da coleta e da repatriação e analisa as dinâmicas criadas.

RÉSUMÉ


En 1938, Mário de Andrade crée à l'intérieur du Département de la culture de la ville de São Paulo la Mission de Recherches Folkloriques, dont l'objectif est de parcourir les régions nord et nordeste du Brésil afin de collecter du matériel ethnographique et muséographique issu de cultures populaires. Au début du mois de mars 1938, la Mission se rend dans le village pankararu de Brejo dos Padres, dans l'État du Pernambouc, y collecte de nombreux artefacts et enregistre leurs manifestations culturelles. Ces archives sont aujourd'hui présentes au sein de la Discothèque Oneyda Alvarenga, au Centre Culturel São Paulo, et ont récemment fait l'objet d'un processus de rapatriement digital pour les Pankararu vivant à São Paulo. Cet essai photographique retrace tant la collecte que le rapatriement, et analyse les dynamiques ainsi créées.

PALAVRAS-CHAVE

Missão de Pesquisas Folclóricas; Pankararu; Repatriação digital; História; Fotografia.

MOTS-CLÉS

Mission de Recherches Folkloriques; Pankararu; Rapatriement digital; Histoire; Photographie.



Cyril Menta é antropólogo, doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França, e atualmente pós-doutorando no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (bolsa FAPESP, processo 2021/09027-5). Realiza pesquisas etnográficas junto à povos indígenas do Nordeste do Brasil desde 2010. Iniciou com os Pankararé da Bahia, continuou com seus vizinhos e parentes Pankararu de Pernambuco, e mais recentemente com os Pankararu instalados no bairro do Real Parque, em São Paulo. Seu trabalho versa sobre rituais, transmissão e circulação de conhecimentos, cosmologia, transformações sociais e urbanização. Email: cyril.menta@hotmail.fr

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 14/08/2023

Aprovado em: 23/03/2024